

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

JANAINA FELIX COELHO

**TECNOLOGIA E POSSIBILIDADES DE DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: o
caso de Audino Vilão**

São Paulo

2022

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO-AMERICANOS SOBRE CULTURA E
COMUNICAÇÃO

JANAINA FELIX COELHO

**TECNOLOGIA E POSSIBILIDADES DE DEMOCRATIZAÇÃO DA EDUCAÇÃO: o
caso de Audino Vilão**

Trabalho de Conclusão de Curso de Mídia,
Informação e Cultura do Centro de Estudos
Latino Americanos sobre Cultura e
Comunicação da Universidade de São Paulo,
sob a orientação do Prof. Dr. Dennis de
Oliveira.

São Paulo

2022

RESUMO

O presente trabalho discute, a partir do canal do youtuber e educador Audino Vilão, quais são as possíveis contribuições para o empoderamento intelectual através da produção audiovisual na internet, relacionando-as com as práticas tradicionais de ensino. Para isso, investigaremos a importância e a construção do diálogo entre Audino e a sua audiência, a relevância da abordagem de situações empíricas para compreensão de conceitos ligados ao ensino formal, os espaços horizontais possíveis nas redes em discrepância à hierarquização em sala de aula e como o crescente acesso à aparatos técnicos e à internet facilitou novas formas de produção.

PALAVRAS-CHAVE: educação informal, YouTube, produção audiovisual, internet, Audino Vilão.

ABSTRACT

The present work will seek to discuss, from the channel of the youtuber and educator Audino Vilão, what are the possible contributions to intellectual empowerment through audiovisual production on the internet, relating them to traditional teaching practices. For this, we will investigate the importance and construction of the dialogue between Audino and its audience, the relevance of approaching empirical situations to understand concepts related to formal education, the possible horizontal spaces in the networks in discrepancy to the hierarchy in the classroom and how increasing access to technical devices and the internet facilitated new forms of production.

KEYWORDS: informal education, YouTube, audiovisual production, internet, Audino Vilão.

RESUMÉN

El presente trabajo buscará discutir, desde el canal del youtuber y educador Audino Vilão, cuáles son las posibles contribuciones al empoderamiento intelectual a través de la producción audiovisual en internet, relacionándolas con las prácticas tradicionales de enseñanza. Para ello, investigaremos la importancia y construcción del diálogo entre Audino y su audiencia, la pertinencia de abordar situaciones empíricas para comprender conceptos relacionados con la educación formal, los posibles espacios horizontales en las redes en

discrepancia a la jerarquización en el aula y cómo el aumento del acceso a dispositivos técnicos e Internet facilitó nuevas formas de producción.

PALABRAS CLAVE: educación informal, YouTube, producción audiovisual, internet, Audino Vilão.

INTRODUÇÃO

Com o imenso crescimento do acesso à internet e a dispositivos móveis como o celular em todo o país¹, vê-se cada vez mais relevante os estudos de como esses meios têm influenciado e dialogado na e com a sociedade. O interesse desse estudo está voltado para o fenômeno que parte da junção entre a educação e a internet. Tendo conhecimento do breve espaço destinado ao desenvolvimento do tema neste trabalho, o recorte delimitado aqui é o do youtuber Audino Vilão, pensando nas contribuições feitas pelo seu canal para o empoderamento intelectual e relacionando-as com as práticas educacionais tradicionais.

Marcelo Marques, conhecido mais popularmente como Audino Vilão, é natural da cidade de Paulínia, interior do estado de São Paulo, estudante de história e conhecido como o filósofo da quebrada. "Passando a visão da melhor forma"², Audino têm se tornado referência por trazer conceitos filosóficos e sociológicos, normalmente presos aos espaços institucionalizados de ensino, aplicados a situações do cotidiano e quebrando inúmeras barreiras de linguagem. No vídeo com mais visualizações de seu canal, Audino apresenta Nietzsche como "o famoso roba brisa"³.

Segundo pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) através da PNAD Contínua (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua) em 2019, dos quase 50 milhões de jovens de 14 a 29 anos no Brasil, aproximadamente 20,2% não completaram alguma das etapas da educação básica, sendo o desinteresse o segundo principal motivo para o abandono, contemplando 29,2% deste grupo. A situação se mostra ainda mais preocupante quando observa-se que, do grupo que não completou a educação básica, 71,7% se declaram pretos ou pardos⁴.

Tendo em vista, então, que o ensino formal, por diversos motivos, têm fracassado, principalmente com estudantes de escolas públicas e periféricas, vê-se mais do que urgente que se pense em alternativas que considerem a existência, a singularidade e o conhecimento empírico dos jovens que habitam esses espaços, criando e valorizando novas formas de ensino.

¹ IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Uso de Internet, Televisão e Celular no Brasil*.

² Slogan do canal de Audino.

³ Marcelo Marques. Audino Vilão, 2020. *Nietzsche: o famoso roba brisa*.

⁴ IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Necessidade de trabalhar e desinteresse são principais motivos para abandono escolar*.

A abordagem para este trabalho será de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório, baseado, principalmente, na contribuição de Paulo Freire com o conceito de diálogo e de Manuel Castells com o conceito de autocomunicação de massa. Tendo essa bibliografia como ponto de partida, analisaremos a interação entre Audino e a sua audiência em treze vídeos, tendo como principal critério de seleção os seus envios mais populares, excluindo lives e vídeos não relacionados ao tema. Além disso, consideraremos também uma entrevista feita com o Marcelo, em que discutiremos suas motivações e que estará disponível na íntegra no Apêndice A deste trabalho.

1. A IMPORTÂNCIA DO DIÁLOGO E DA “LEITURA DE MUNDO” NO PROCESSO EDUCACIONAL

Segundo Paulo Freire, patrono da educação brasileira, o que se pretende com o diálogo “é a problematização do próprio conhecimento em sua indiscutível reação com a realidade concreta, na qual se gera e sobre a qual incide, para melhor compreendê-la, explicá-la, transformá-la” (FREIRE, 2020, p. 65). Nesse sentido, o autor segue dizendo que a educação é o próprio diálogo, “na medida em que não é transferência de saberes, mas o encontro de sujeitos interlocutores que buscam a significação dos significados” (FREIRE, 2020, p. 89).

Entendendo que a sala de aula é ferramenta fundamental para o processo educativo formal, enxergamos nesse espaço um desafio frente às novas linguagens da comunicação e tecnologias. A tradicional não participação dos alunos e os monólogos vindos dos professores em sala de aula fazem com que, os alunos, desgrudados e não afetados pelo que está sendo dito, se distanciem cada vez mais de um possível diálogo. Esse processo unidirecional e hierárquico no qual o professor fala e o aluno ouve pode ser pensado de várias formas, sendo elas apoiadas principalmente na ingênua relação de transferência de conhecimento, feita do educador para os educandos (FREIRE, 2020). Nesse sentido, Adilson Citelli (2004) argumenta:

Por hora e nos termos da escola presente, aquela em que desenvolvemos as nossas pesquisas, os programas e o elenco dos tópicos ensinados seguem, basicamente, compromissos hierárquicos, muitos deles desarranjados historicamente, escolhidos segundo critérios que podem percorrer os ditames do preconceito, do filtro ideológico, da exclusão elitista, ou de uma ordem determinada, no fundamental, pela seqüência oferecida pelos livros didáticos. Nesse caso, os critérios de valor e

importância respondem, sobretudo, aos gestos de perpetuação e manutenção dos tópicos que o discurso escolar apresenta como únicos merecedores de crédito. Fica estabelecido, pois, um circuito curioso: a escola diz o que o livro didático precisa dizer, e ele, por seu turno, entra com tanta força no sistema que passa a dirigi-lo, cristalizando formas e fórmulas repetidas ao cansaço (...). E o sucesso ou o fracasso dependerá, diretamente, da maior ou menor capacidade de o aluno revelar até onde a hierarquia dos conteúdos foi incorporada e respeitada ao longo da escolaridade (CITELLI, 2004, p. 87-88).

Para além disso, as péssimas condições de trabalho e os problemas referentes à formação dos docentes criam um cenário que impossibilita a produção de materiais didáticos mais ajustados às realidades que caracterizam as diversas regiões onde as escolas se localizam (CITELLI, 2004). Fadados, assim, ao fracasso, jovens de todo o país enxergam-se sem perspectivas, na relação “bancária”, trazendo conceito de Freire (2019), com que é dada a educação, impedindo que os indivíduos se apropriem “criticamente da posição que ocupam com os demais no mundo. Esta apropriação crítica os impulsiona a assumir o verdadeiro papel que lhes cabe como homens: o de serem sujeitos da transformação do mundo, com a qual se humanizam” (FREIRE, 2020, p. 43).

Assim, dentre as várias razões que tornam o diálogo indispensável na educação, ele tem ainda como um de seus objetivos diminuir a distância entre a expressão significativa de quem está se comunicando e a percepção de quem está ouvindo em torno do significado. Desta forma, o significado passa a ter a mesma significação para ambos.

Só se comunica o inteligível na medida em que este é comunicável. Esta é a razão pela qual, enquanto a significação não for compreensível para um dos sujeitos, não é possível a compreensão do significado à qual um deles já chegou e que, não obstante, não foi apreendida pelo outro na expressão do primeiro (FREIRE, 2020, p. 88).

Sendo o ato de conhecer tarefa de sujeitos e não de objetos, exige-se uma presença curiosa do sujeito em face do mundo, em que seja possível que este se aproprie do aprendido, sendo “capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais concretas” e em confrontação com o mundo, como a fonte verdadeira de conhecimento (FREIRE, 2020, p. 28-29). Segundo Freire (2019), quando não há conexão entre o conhecimento e a realidade de seu mundo, o conhecimento vira uma memorização, fadada à repetição e a domesticação, fugindo das condições de verdadeira aprendizagem, em que os “educandos vão se transformando em reais sujeitos da construção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 2019, p. 28).

Neste sentido dialógico, o saber falar implica diretamente no saber escutar, à medida que “quem tem o que dizer saiba, sem sombra de dúvida, não ser o único ou a única a ter o que dizer” (FREIRE, 2019, p. 114), e que, escutando, está aberto à fala do outro, ao gesto do outro, às diferenças do outro e à “leitura de mundo” do outro.

Dessa forma, a escuta não significa não ter o direito de discordar ou se opor ao que é dito, mas ao contrário disso, escutando bem é possível se preparar para melhor colocar-se ou melhor situar seu ponto de vista, “como sujeito que se dá ao discurso do outro, sem preconceitos” (FREIRE, 2019, p. 117), dentro da prática democrática do diálogo. Respeitar a “leitura de mundo” com que o educando chega à escola, “é a maneira correta que tem o educador de, *com* o educando e não *sobre* ele, tentar a superação de uma maneira mais ingênua por outra mais crítica de inteligir o mundo” (FREIRE, 2019, p. 120), reconhecendo a historicidade do saber, o caráter histórico da curiosidade, e, por isso mesmo, recusando a arrogância cientificista e assumindo a humildade crítica, própria da posição verdadeiramente científica (FREIRE, 2019).

2. HORIZONTALIDADE E AUTOCOMUNICAÇÃO DE MASSA

O monopólio da voz, junto ao monopólio do dinheiro e o monopólio das armas, formam o tripé que constitui o poder global (OLIVEIRA, 2017). Esse primeiro monopólio é composto pela indústria da comunicação e da cultura, com 80% de suas produções concentradas em seis corporações globais, sendo elas Disney, Time Warner, News Corporation, Viacom, Vivendi-Universal e Bertelsmann (OLIVEIRA, 2017).

Nesse sentido, Castells (2021) argumenta que o poder está baseado no controle da comunicação e da informação. Ele continua, dizendo que “o poder é mais do que comunicação e a comunicação é mais do que o poder. Mas o poder depende do controle da comunicação, assim como o contrapoder depende do rompimento desse controle” (CASTELLS, 2021, p. 21).

Esse poder permite que um ator social influencie assimetricamente as decisões e ações de outros atores sociais, de forma que as vontades, interesses e valores do detentor do poder se mantenham (CASTELLS, 2021). Com base, então, no poder construído através do

gerenciamento dos processos de comunicação, quais são as nossas ferramentas para mudanças sociais? Castells (2021) questiona:

Por que estudantes tinham de lutar pelo direito de liberdade de expressão; sindicatos, pelo direito de divulgar informações sobre sua organização (àquela época nos cartazes, hoje nos sites da internet); mulheres, de criarem livrarias para mulheres; nações subjugadas, de comunicar na própria língua; dissidentes soviéticos, de distribuir literatura *samizdat*; afro-americanos nos Estados Unidos e povos colonizados por todo o mundo, de ter permissão para ler? O que eu percebi então, e creio agora, é que o poder está baseado no controle da comunicação e da informação, seja ele o poder do Estado e das corporações de mídia, seja o poder micro de todos os tipos de organização. Assim, minha luta pela livre comunicação e meu blog primitivo de tinta roxa daquela época eram realmente um ato de resistência, e os fascistas, de sua perspectiva, estavam certos ao tentar nos agarrar e nos calar, e com isso fechar os canais de conexão entre mentes individuais e a mente pública (CASTELLS, 2021, p. 20-21).

Assim, nunca há um poder absoluto dos detentores do poder sobre os que são submetidos a esse poder. Há sempre a possibilidade de resistência que questiona essa relação vertical e hierárquica (CASTELLS, 2021). Em seu livro “O Poder da Comunicação”, Castells (2021) trata de uma estrutura social específica: a sociedade em rede, construída ao redor das redes digitais de comunicação, mas não determinadas por elas.

Contextualizando historicamente, uma hipótese para explicar a superioridade histórica das organizações verticais sobre a possível horizontalidade da sociedade em rede, vêm de limites impostos pelas tecnologias disponíveis, em que, apesar da possibilidade de comunicação existir, o processo era tão moroso (feito através de mensageiros a cavalo ou a pé, por exemplo) que não possibilitava nada além de uma mão única de transmissão de informação e instruções (CASTELLS, 2021). Com o advento da Revolução Industrial e a distribuição das redes de energia, as ferrovias e o telégrafo surgiram como infraestruturas mais eficientes de comunicação, mas ainda assim limitadas, já que não estavam disponíveis amplamente, “ou seja, as primeiras tecnologias de comunicação baseadas na eletricidade não eram poderosas o suficiente para equipar redes com autonomia em todos seus nós” (CASTELLS, 2021, p. 69).

Dessa forma, observamos que não bastava apenas uma tecnologia adequada para a transformação da estrutura social, mas era necessário também que houvesse uma maturidade industrial para que projetos autônomos de comunicação surgissem (CASTELLS, 2021). Assim, no centro da “mudança tecnológica que desencadeou o poder das redes estava a transformação das tecnologias de informação e comunicação, a partir da revolução

microeletrônica que se formou nas décadas de 1950 e 1960” (FREEMAN, 1982; PEREZ, 1983, apud CASTELLS, 2021, p. 69). Com isso, tal revolução constituiu a criação de um novo paradigma tecnológico, consolidado na década de 1970, primeiro nos Estados Unidos e depois rapidamente espalhada por todo o mundo, caracterizando o que Castells conceitualizou como a Era da Informação (CASTELLS, 2021).

Desse modo, a transformação mais importante na comunicação nos últimos anos foi a transição da comunicação de massa (unidirecional e concentrada nos grandes conglomerados empresariais) para a intercomunicação individual (com potencial de alcance em massa, mas com a produção de mensagem autogerada), possibilitada pela internet e pelas redes de comunicação móveis (CASTELLS, 2021). O uso desse espaço horizontal das redes para produções autônomas é conceituada por Castells (2021) como autocomunicação de massa, com a

capacidade de enviar mensagens de muitos para muitos, em tempo real ou no tempo escolhido (...). É comunicação de massa porque tem o potencial de atingir um público global, como é o caso de um vídeo divulgado no YouTube, um blog com links RSS para várias fontes na internet, ou uma mensagem para uma lista gigantesca de e-mails. Ao mesmo tempo, é autocomunicação porque a produção da mensagem é autogerada, a definição do(s) receptor(es) potencial(a)is é autodirecionada e a recuperação das mensagens específicas, do conteúdo da World Wide Web (www, a rede de alcance mundial) e de redes eletrônicas de comunicação é autosseleccionada. As três formas de comunicação (interpessoal, comunicação de massa e autocomunicação de massa) coexistem, interagem e se complementam em vez de se substituírem (CASTELLS, 2021, p. 102).

O YouTube, fundado em 2005 por Jawed Karim, Steven Chen e Chad Hurley, dispõe de uma infraestrutura capaz de oferecer o compartilhamento de vídeos em que usuários, organizações, empresas e governos individuais podem colocar o conteúdo de seus próprios vídeos, transformando qualquer interessado em produtor e possibilitando o envio de mensagens de muitos para muitos (CASTELLS, 2021).

Assim, múltiplas mensagens emergem e múltiplos sentidos são construídos, ao passo que os atores são independentes em relação à estratégia de estabelecimento dos temas que serão tratados. Dessa forma, “a interação entre comunicação e poder, então, se torna muito mais indefinida, conforme seja permitido que o gênio da liberdade saia da garrafa lacrada da mídia e as pessoas pelo mundo abracem essa nova liberdade” (CASTELLS, 2021, p. 32). Com isso, a difusão das redes de comunicação horizontal e os múltiplos pontos de entrada no sistema de comunicação local/ global, modificaram profundamente a prática de poder em

várias dimensões institucionais e sociais, “aumentando a influência da sociedade civil e de atores sociopolíticos não institucionais na forma e na dinâmica das relações de poder” (CASTELLS, 2021, p. 34).

A autonomia construída nesse processo de horizontalização pelos atores sociais faz com que eles se tornem sujeitos no processo, já que definem seus projetos em interação com as instituições da sociedade, mas sem se submeterem a elas (CASTELLS, 2021). Em continuidade a esse processo de construção da autonomia, Castells (2021) afirma que a transformação social mais profunda da internet veio na primeira década do século XXI, com a construção de redes sociais, como Facebook, YouTube, Twitter, Orkut, entre outras. Os sites de redes sociais (SRS⁵) são plataformas construídas pelos próprios usuários, em que todos os tipos de atividades, não apenas as relações de amizade ou bate-papo, são desenvolvidas, mas também distribuição de materiais publicitários, educação, criatividade cultural, mídia e entretenimento, aplicativos de saúde e ativismo sociopolítico (CASTELLS, 2021). Desse modo,

são sociedades autoconstruídas pela rede e em conexão a outras redes. Entretanto, não são sociedades virtuais: há uma estreita ligação entre redes virtuais e redes na vida em geral. Trata-se de um mundo híbrido, um mundo real; não um mundo virtual ou um mundo segregado. (...) Os SRS são espaços de convivência que conectam todas as dimensões das experiências das pessoas (CASTELLS, 2021, p. 39-40).

No entanto, o interesse da mídia corporativa nas formas de comunicação baseadas na internet reconhece a importância do surgimento de uma nova forma de comunicação na sociedade, ao mesmo tempo em que a infraestrutura da internet pertence a corporações privadas e públicas, e seus espaços sociais e sites mais populares estão rapidamente se tornando um segmento de negócios multimídia, em que, apesar das tecnologias de comunicação proporcionarem uma comunicação autônoma, a mesma é processada e moldada (mas não determinada) por organizações e instituições que são influenciadas pelas estratégias comerciais de geração de lucro e expansão de mercado (CASTELLS, 2021). Sobre isso, Castells (2021) comenta que:

Embora o surgimento dessa forma de autocomunicação de massa amplie a autonomia e a liberdade dos atores comunicantes, essa autonomia cultural e tecnológica não leva necessariamente à autonomia comercial da mídia. Na verdade, ela cria novos mercados e novas oportunidades de negócios. Os grupos da mídia se integraram em redes globais multimídia, e um dos objetivos dessas redes é a

⁵ Forma como o Castells (2021) abreviou “sites de redes sociais”.

privatização e a comercialização da internet para expandir e explorar esses novos mercados (CASTELLS, 2021, p. 121).

Contudo, Castells (2021) argumenta ainda que apesar de o sistema de comunicação digital global refletir relações de poder, não está baseado na difusão hierárquica de uma cultura dominante, pois “é variado e flexível, aberto no conteúdo de suas mensagens, dependente das configurações específicas do comércio, do poder e da cultura” (CASTELLS, 2021, p. 189).

Nesse sentido, Castells (2021) estabelece como as redes de comunicação constituem, em geral, o espaço público da sociedade em rede, entendendo que o espaço público “é o espaço de interação significativa da sociedade, onde ideias e valores são formados, transmitidos, apoiados e resistidos” (CASTELLS, 2021, p. 355) e que é por esse motivo que, durante toda a história, o controle da comunicação foi a fonte-chave do poder social (CURRAN, 2002; SENNET, 1978; DOOLEY E BARON, 2001; BLANNING, 2002; MORSTEIN-MARX, 2004; BAKER, 2006; WU, 2008, apud CASTELLS, 2021, p. 355). Mas, em um mundo marcado pela autocomunicação de massa, o autor argumenta que os movimentos sociais e a política insurgente têm a chance de entrar no espaço público e realizar a mudança social e política a partir de múltiplas fontes, utilizando tanto as redes de comunicação horizontais quanto a grande mídia para a transmissão de suas mensagens (CASTELLS, 2021).

A capacidade de postar vídeos no YouTube e em outros espaços sociais na internet, ou a possibilidade de estabelecer links para o movimento em sites populares, como o Facebook, amplificaram os usos da autocomunicação de massa como a expressão de novos valores e de novos projetos. A mídia alternativa está no centro da ação do movimento social alternativo (COYER *et. al.*, 2007; CONSTANZA-CHOCK, no prelo apud CASTELLS, 2021, p. 397).

Construindo um contrapoder autônomo (JURIS, 2008 apud CASTELLS, 2021, p. 392), os movimentos que emergem das redes de indivíduos que reagem à opressão sentida, transformam seu protesto compartilhado em uma comunidade de prática, sendo sua prática a resistência (CASTELLS, 2021). A criação de novos conteúdos e novas formas de rede, nos leva a sentir e pensar de formas diversas, ao adquirirmos novos significados e novas regras para fazer sentido desse significado, fazendo com que ajamos de maneira diferente e acabamos por transformar a maneira como a sociedade opera (CASTELLS, 2021). Assim,

Envolvendo-se na produção cultural da mídia de massa e desenvolvendo redes autônomas de comunicação horizontal, os cidadãos da Era da Informação se

tornarão capazes de inventar novos programas para suas vidas com os materiais de seus sofrimentos, medos, sonhos e esperanças. Eles constroem seus projetos compartilhando sua experiência. Eles subvertem a prática da comunicação convencional ocupando o meio de comunicação e criando a mensagem. Eles vencem a falta de poder de seu desespero solitário criando uma rede de seus desejos. Eles lutam contra os poderes constituídos identificando as redes existentes. É por isso que a teoria, necessariamente baseada na observação, é relevante para a prática. Se não conhecemos as formas de poder na sociedade em rede, não podemos neutralizar o exercício injusto de poder. E se não soubermos quem exatamente são os detentores do poder e onde encontrá-los, não podemos desafiar sua dominação oculta, mas ainda assim crucial (CASTELLS, 2021, p. 485).

3. ESTUDO DE CASO: O CANAL DE AUDINO VILÃO

Para a elaboração desse estudo, foram utilizadas três ferramentas: 1) A bibliografia apresentada nos capítulos 1 e 2 deste trabalho; 2) Entrevista realizada com Marcelo Marques, idealizador do canal Audino Vilão, em 3 de fevereiro de 2022 via Google Meets; 3) Análise de alguns comentários e da relação de *likes/deslikes* de treze vídeos do canal, tendo como principal critério de seleção os seus envios mais populares, excluindo lives e vídeos não relacionados ao tema, utilizando o filtro “Mais populares”, disponível no próprio YouTube.

A entrevista na íntegra e a tabela com os vídeos analisados estão disponíveis nos Apêndices A e B, respectivamente.

O canal teve início em 2016, mas com uma proposta muito diferente do nosso objeto de estudo: *gameplays*, termo usado para denominar uma transmissão de partida de jogo online ao vivo ou um vídeo gravado, editado e postado posteriormente, com a mesma temática. No final de 2019, Marcelo começou a produzir *vlogs* de humor em seu canal, inspirado no humorista Igor Guimarães, do qual é fã. Foi apenas em junho de 2020 que Marcelo deu início às suas produções voltadas para filosofia, com “Traduzindo Karl Marx para GÍRIAS PAULISTAS”, que é hoje o segundo vídeo com mais visualizações em seu canal.

Estudante de história e com conclusão do curso prevista para o final de 2022, Marcelo teve o seu interesse por filosofia aflorado durante o ensino médio, quando ganhou o livro “Crepúsculo dos Ídolos”, escrito por Nietzsche, de um amigo. Ao tentar ler a obra, viu-se frustrado ao não conseguir compreender o que estava sendo dito ali. “(...) Como assim, parça? O bagulho tá em português e eu não tô entendendo?”, ele comentou, exasperado.

Neste primeiro momento, a frustração de Audino pode ser pertencente a relação não-dialógica construída na leitura, já que é indispensável ao ato comunicativo eficiente um

acordo entre os sujeitos, no qual “a expressão verbal de um dos sujeitos tem que ser percebida dentro de um quadro significativo comum ao outro sujeito” (FREIRE, 2020, p. 87), ou seja, como vimos na primeira parte deste trabalho, é necessário que o significado tenha a mesma significação para ambos, para que construam um diálogo e que, havendo esse acordo em torno dos signos, a comunicação seja possibilitada (FREIRE, 2020).

Depois de muita pesquisa e estudo, o desejo de Marcelo em seguir estudando filosofia cresceu, o que fez que ele prestasse vestibular para filosofia e história. Entretanto, história acabou vencendo, já que desde pequeno era sua matéria favorita e a admiração pelo Professor Caco, citado diversas vezes durante a entrevista e que, coincidentemente, lecionava história, fez com que ele optasse pelo outro caminho. Apesar disso, Marcelo comenta com carinho que pretende fazer a sua segunda graduação em filosofia.

Para Marcelo, a possibilidade de trabalhar filosofia em seu canal foi o primeiro passo para a carreira que aspirava: ser professor. Em sua fala, ele destacou duas experiências em sala de aula que foram marcantes. A primeira, ele comenta que estava na quinta ou sexta série do ensino fundamental, e que teve uma professora de história que, em sua perspectiva, era antiética e que frequentemente ridicularizava as dúvidas dos alunos e os constrangia em frente de toda a turma. Na segunda experiência, já na sétima e oitava série, ele conta que teve o melhor professor da sua vida, o Professor Caco, que era querido por todos à sua volta. Ele, então, observando o Professor Caco, se perguntava “Mano, e se fosse eu ali? E se fosse eu no lugar dele? E se fosse eu ali na sala de aula, na frente e pá, explicando, como que eu ia fazer?”. Foi isso que plantou a “sementinha da pedagogia” nele.

Com isso, Marcelo se apropriou desse exemplo apresentado pelo Professor Caco e, enxergou a partir dele, novas perspectivas educacionais. A primeira experiência educacional citada por ele, como apresentado por Freire, “desrespeita a curiosidade do educando, o seu gosto estético, a sua inquietude, a sua linguagem, mais precisamente, a sua sintaxe e a sua prosódia” (FREIRE, 2019, p. 58). O autor segue dizendo ainda que:

Como educador, devo estar constantemente advertido com relação a este respeito que implica igualmente o que devo ter por mim mesmo. Não faz mal repetir a afirmação várias vezes feita neste texto - o inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos. O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não um favor que podemos ou não conceder uns aos outros (FREIRE, 2019, p. 58).

Durante os seus anos escolares em uma instituição pública, Marcelo comentou que era considerado um dos piores alunos da escola, “(...) tinha um ranking né, eu ‘tava’ entre os três piores alunos da manhã, cara”. Hoje ele comenta que fica muito feliz com toda a admiração que recebe das pessoas que acompanham seu canal, e também de professores e demais pessoas que o acompanharam durante a vida escolar.

A perspectiva de Marcelo, visto como um dos piores alunos, pode estar atrelada a visão “bancária” de Paulo Freire (2020) acerca do ensino, em que o sucesso e o fracasso estão atrelados à sua maior ou menor capacidade de absorção dos conteúdos hierarquicamente expostos em sala de aula (CITELLI, 2004). Freire diz que não é possível à escola engajada na formação de educandos e educadores, alhear-se das condições sociais, culturais e econômicas de seus alunos, de suas famílias e vizinhos (FREIRE, 2019). Em “Comunicação e Educação: A linguagem em movimento”, Adilson Citelli complementa:

O educando, entendido como sujeito em formação, possui uma história social e cultural que lhe deixa marcas e comportamentos. *Ser no mundo antes de estar na escola*, o jovem que se desloca da casa à sala de aula leva consigo conhecimentos, muitos de senso comum, que entrarão nalguma instância, ainda que sob a forma do silêncio (...), no jogo discursivo ditado pelo professor. Deve-se reconhecer que os processos de inclusão, exclusão, redefinição de temas e problemas dialogam, necessariamente, com um campo de experiências individuais e coletivas enraizadas na vida do aluno: de certa forma, os sentidos gerados pelo discurso formal escolar, serão mais ou menos significados em função dos limites dados por aquele campo de experiências. É desse jogo (dialogal) entre o conjunto de permanências trazidas com o conhecimento preexistente - e em que devem ser incluídas as linguagens e mensagens dos meios de comunicação e das novas tecnologias - e os desafios propostos aos educandos que resultam os contornos e as configurações do que podemos chamar, agora com maior propriedade, de os sentidos (CITELLI, 2004, p. 122).

No início do canal, Marcelo comentou que tinha uma infraestrutura precária para a gravação dos vídeos. “Eu tinha um Moto One que eu comprei em 2017 com o dinheiro do SENAI, tipo, era um bagulho muito improvisado, era tipo uma caixa aqui [ele começa a sinalizar na mesa onde as coisas se localizavam], um livro, eu deixava o celular assim deitado, pá, e eu falando”.

O primeiro vídeo sobre filosofia no canal nasceu sem pretensão. “Traduzindo Karl Marx para GÍRIAS PAULISTAS”, era pra ser um vídeo em crítica ao atual presidente do país, comparando o Brasil a um episódio de *South Park*, série de animação estadunidense voltada para o público adulto que critica satiricamente a sociedade americana. Não conseguindo desenvolver um roteiro que o agradasse sobre esse tema, foi inspirado pela música “Tudo

Nosso” do Mc Kauan e, cantarolando “É tudo nosso e o que não for, nois toma”, acreditou que essa seria uma boa maneira para desenvolver com seu público a teoria de Marx, tendo como ponto de partida a famosa colocação do filósofo: “Se a classe operária tudo produz, a ela tudo pertence”.

Após um estrondoso sucesso desse primeiro vídeo, o próximo foi “Nietzsche : o famoso roba brisa’, que teve um sucesso ainda maior, sendo o vídeo mais assistido de seu canal e o que levou Marcelo para páginas de notícias sobre educação e o transformou em um fenômeno, com memes e trechos do vídeo viralizados. Marcelo se apropriou do YouTube, uma das plataformas de autocomunicação de massa mais difundidas atualmente, criando um movimento que emerge de uma rede de indivíduos que reagem à opressão sentida e transformam seu protesto compartilhado em uma comunidade de prática, sua prática sendo resistência (CASTELLS, 2021).

Sobre a relação de Marcelo com a sua audiência, ele conta que recebe muitos *feedbacks* positivos sobre o seu trabalho, nos comentários dos vídeos e também de pessoas que o encontram pessoalmente em eventos ou na rua. Ele conta que os *haters* existem, mas que ele prefere não se estressar e não perder seu tempo com críticas não construtivas. “Se é no YouTube, eu só excluo o comentário, se a pessoa deu *deslike*, *deslike* por *like*, deu visualização e o que paga é a visualização, então...”, ele diz, de forma descontraída. Quando são comentários críticos, mas construtivos, ele costuma levar em consideração para próximos vídeos.

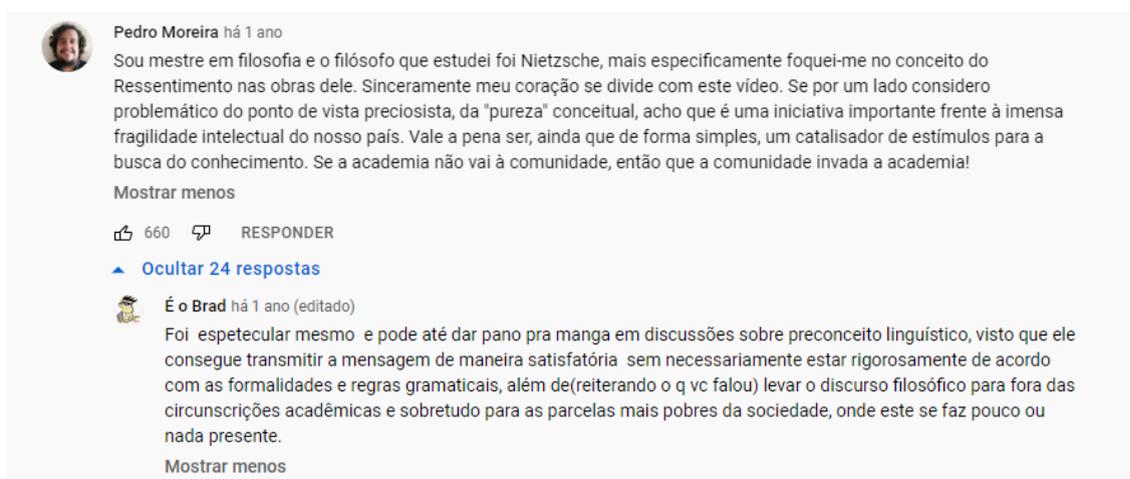
Na análise dos treze vídeos selecionados em seu canal, busquei pelas percepções de sua audiência sobre seu conteúdo. Grande parte dos comentários são positivos, de pessoas expressando sua admiração por Marcelo, especialmente de estudantes buscando formas de melhorar a sua compreensão sobre filosofia, mas também de acadêmicos elogiando a didática que Marcelo tem, como veremos adiante.

A relação entre percepções positivas e negativas pode ser analisada de forma mais assertiva através do número de *likes* e *deslikes* recebidos em seus vídeos, sendo eles um indicativo de quanto as pessoas gostaram (*like*) e não gostaram (*deslike*) do conteúdo. Com base nos 13 vídeos analisados, a média de *likes* é de 16.478 contra a média de 125 *deslikes*, em que observamos, então, que o número de pessoas que indicaram gostar dos vídeos é cerca de 130 vezes maior que o número de pessoas que indicaram não gostar dos vídeos.

O seu vídeo com o maior número de *likes* e também de *deslikes* é “Nietzsche : o famoso roba brisa”, com 77.204 e 644, respectivamente. O vídeo com menor número de *likes* e também de *deslikes* é “SE O AMOR É LÍQUIDO NOIS PASSA O RODO | BAUMAN”, com 4.330 e 11, respectivamente. Naturalmente, esses números são reflexo do número de visualizações, já que ambos são os vídeos mais e menos visualizados dentre os que foram analisados, tendo o sobre Nietzsche 403.429 visualizações e o sobre Bauman 19.227 visualizações.

Na figura abaixo, Pedro Moreira e É o Brad expressam em comentário do vídeo “Nietzsche : o famoso roba brisa” a sua admiração pelo trabalho de Marcelo, ao passo que entendem que o vídeo pode ter falhas conceituais ligadas à explanação do youtuber que, por vezes, abre mão de detalhes e referências mais aprofundadas em prol de um discurso mais acessível.

Figura 1 - Comentários de Pedro Moreira e É o Brad



Fonte: Print extraído pela autora do vídeo “Nietzsche : o famoso roba brisa”

No comentário abaixo, a conversa é iniciada por Jonas Bitencourt que, na sequência, recebe a concordância de Pedro Henrique e Audino vilão, no vídeo “EXPLICANDO A CRITICA DA RAZÃO PURA ENQUANTO EU CORTO CABELO NA RÉGUA”. Aqui, para além de Jonas fazer críticas construtivas ao vídeo, um espaço de colaboração é criado, no qual são sinalizados pontos que podem ser adicionados à discussão criada por Marcelo em seu canal. O youtuber concorda com os pontos apresentados, tomando a iniciativa de fixar o comentário de Jonas, colocando-o em destaque na página do vídeo para que outras pessoas

que viessem a acessar o conteúdo tivessem um acesso fácil e rápido às considerações colocadas por Jonas.

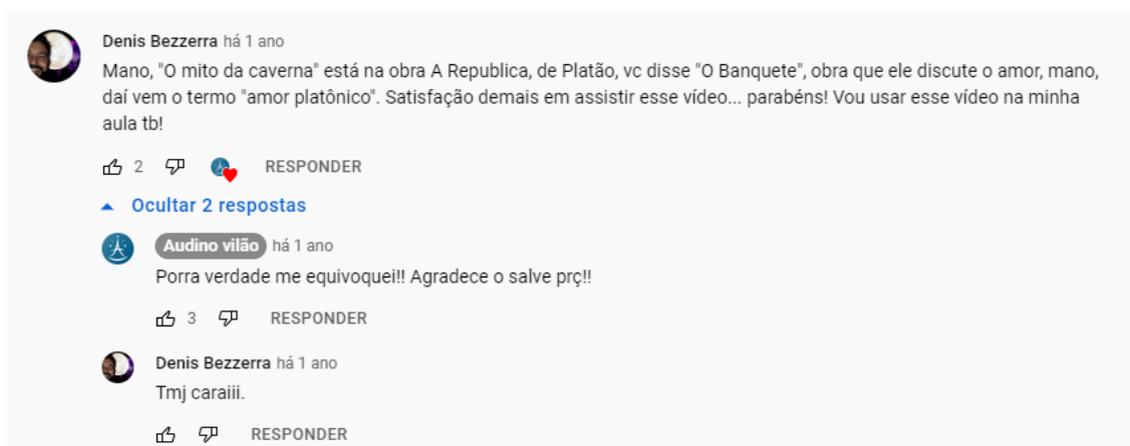
Figura 2 - Comentários de Jonas Bitencourt, Pedro Henrique e Audino vilão

The image shows a screenshot of YouTube comments. The top comment is from Jonas Bitencourt, posted 'há 1 ano (editado)'. It starts with 'Parabéns pela iniciativa. Algumas observações importantes:' followed by two numbered points. Point 1 discusses 'chupar a laranja' as a metaphor for synthetic a posteriori knowledge. Point 2 discusses Kant's synthetic a priori knowledge, mentioning 'TODA laranja é doce' and the forms of space and time. Below the points, there is a paragraph about Kant's philosophy, the '2 + 2 = 4' example, and the 'LÓGICA TRANSCENDENTAL'. The comment ends with 'Também abordo filosofia no meu canal. Abraço e sucesso!' and a 'Mostrar menos' button. Below this are interaction icons for likes (332) and replies (RESPONDER). The second comment is from Pedro Henrique, posted 'há 1 ano', saying 'Perfeitas ponderações.' with 8 likes and a reply button. The third comment is from Audino vilão, posted 'há 1 ano', saying 'Obrigado pela correção, eu troquei as palavras na hora! Vo deixa fixado pro pessoal da essa atenção, malzao eu confundi os termos na hora.'

Fonte: Print extraído pela autora do vídeo “EXPLICANDO A CRITICA DA RAZÃO PURA ENQUANTO EU CORTO CABELO NA RÉGUA”

Uma situação parecida pode ser observada no comentário abaixo, em que Denis Bezzerra corrige uma fala de Marcelo, ao que ele prontamente responde, agradecendo. Para além disso, Denis complementa dizendo que usará o vídeo de Audino em uma de suas aulas, a partir do qual presumimos que essa é uma das situações em que o conteúdo produzido por Marcelo vai para além do espaço virtual e ocupa o meio institucional de ensino.

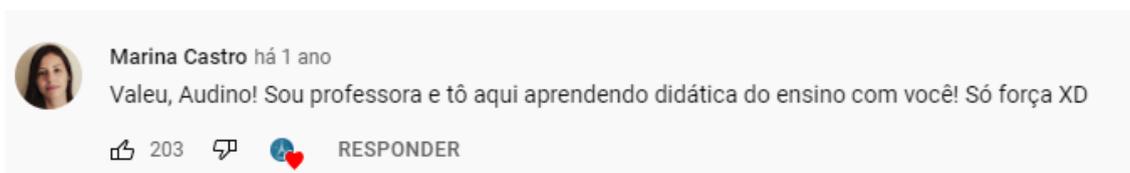
Figura 3 - Comentários de Denis Bezzerra e Audino vilão



Fonte: Print extraído pela autora do vídeo “O mito da caverna para becos e vielas”

Já na figura seguinte, Marina Castro declara que é professora e que tem aprendido sobre didática de ensino com os conteúdos produzidos por Audino.

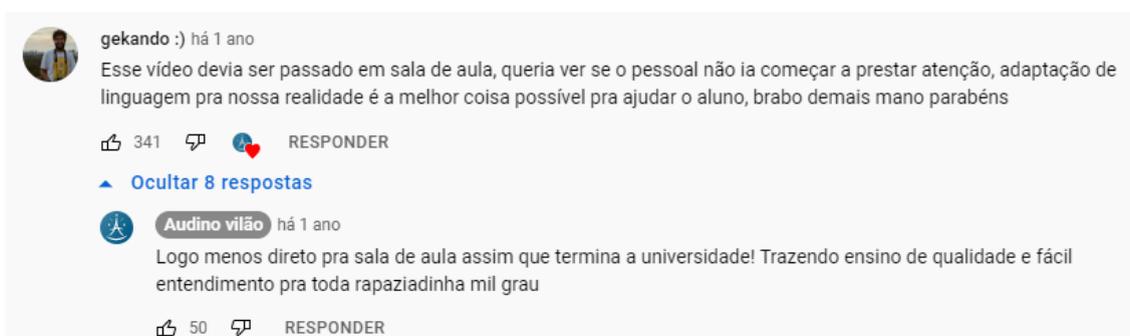
Figura 4 - Comentário de Marina Castro



Fonte: Print extraído pela autora do vídeo “Estou ficando esquizofrênico ou entendendo Freud?”

Na sequência, gekando :) parabeniza o conteúdo de Marcelo, dizendo que a forma como ele trabalha os conteúdos em seu canal faz com que a compreensão seja facilitada, e que gostaria que seus conteúdos fossem para a sala de aula.

Figura 5 - Comentários de gekando :) e Audino vilão



Fonte: Print extraído pela autora do vídeo “Traduzindo Karl Marx para GÍRIAS PAULISTAS”

A partir dessa breve amostra de comentários, percebemos que o conteúdo produzido por Marcelo, apesar de receber várias críticas, ainda assim se mostra relevante para o contexto educacional brasileiro, em que a barreira de linguagem, como vimos nos capítulos iniciais deste trabalho, impossibilitam uma comunicação dialógica verdadeira e, conseqüentemente, uma verdadeira aprendizagem (FREIRE, 2019). Nesse sentido, Citelli (2004) coloca:

Se a educação dita tradicional fixou como estratégia discursiva procedimentos elaborados em torno da linguagem centralizada, burocraticamente reconhecida e hierarquicamente praticada, cabe, agora, perguntar como o próprio aluno se insere no circuito da produção escolar. Assim, à ordem que prioriza as relações institucionais e no qual o professor surgia como a ponta mais visível do processo, busca-se, agora, propor uma dialética que recupere o universo de linguagem e de valores do aluno (CITELLI, 2004, p. 122-123).

Quando questionado sobre a sua relação com a academia, Marcelo mostra ter uma boa relação com várias universidades e estudiosos do país, inserindo-se como parte desse contexto acadêmico. Ele divide algumas experiências que teve com a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade de Campinas (Unicamp) e Universidade de São Paulo (USP), através de eventos e palestras para os quais foi chamado, chegando a ser aluno convidado por um semestre na universidade gaúcha.

Nos últimos dois anos, Marcelo comenta que houve um aumento significativo no número de influenciadores periféricos ligados à educação, dentre eles Thiago Torres, conhecido como Chavoso da USP e Dayrel Azevedo, idealizador da página Funkeiros Cults. Para ele, essa movimentação “foi um erro que o sistema nunca previu. Tipo, como assim? Os piores alunos da escola, os mais desacreditados tão falando de educação? Tá falando de Marx, tá falando de Nietzsche...”.

Marcelo se considera um educador, para além de um youtuber, já que acredita estar educando pessoas através de seu canal. Para o futuro, Marcelo espera ir para a sala de aula de fato, mas continuar com o YouTube. Ele espera ampliar mais o seu trabalho, trazendo conteúdos também ligados à história e política para os seus vídeos, para além da filosofia. O que o motiva a seguir trabalhando em educação é enxergar que, um trabalho autônomo e sem nenhum tipo de apoio financeiro, está fazendo uma diferença tão grande na vida das pessoas que o assistem. “Tem muito moleque voltando a estudar, tem muito moleque se interessando, tem muito moleque desconstruindo a mentalidade que estudar é um bagulho chato, que estudar é um bagulho que é perca de tempo, que eles não conseguem entender, que isso,

aquilo e aquilo outro. Então, tipo assim, é um bagulho que tá tendo impacto real na vida das pessoas, então isso para mim motiva a continuar, tá ligado? Até onde eu ver que a galera realmente tá consumindo, tá ligado? Tá afetando, tá mudando, tá ajudando, pra dar alicerce, pra dar base pra molecada, mano, é isso (sic).”, ele conta.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo principal investigar as possíveis contribuições para o empoderamento intelectual, a partir da produção audiovisual do canal do Audino Vilão, relacionando-as com as práticas educacionais tradicionais. Partindo da contribuição de Paulo Freire, vimos que o diálogo no processo de aprendizagem verdadeiro é indispensável, entendendo que o conhecimento não deve ser colocado como algo a ser transferido e depositado nos educandos, mas que para aprender é necessário que “educador e educando assumam o papel de sujeitos cognoscentes, mediatizados pelo objeto cognoscível que buscam conhecer” (FREIRE, 2020, p. 29).

Com os aparatos técnicos disponíveis atualmente, temos a possibilidade de criar pontes que vão para além da sala de aula e fazemos com que novos formatos de aprendizagem construam caminhos para uma educação descentralizadora, colocando-a “numa rota de muitas mãos que respeite as realidades de vida e cultura dos educandos” (CITELLI, 2004, p. 98). A formação de redes horizontais, por sua vez, aumentou a influência da sociedade civil nas relações de poder, tornando possível que plataformas de autocomunicação de massa existissem, criando autonomia para os atores sociais (CASTELLS, 2021, p. 38).

Marcelo Marques (ou Audino Vilão) se apropriou de uma das maiores plataformas de autocomunicação de massa existentes atualmente, o YouTube, e construiu ali o seu espaço de autonomia, mobilizando e engajando sujeitos que conhecem a frustração que ele sentiu ao ler pela primeira vez “Crepúsculo dos Ídolos” de Nietzsche, transformando, junto com o seu público, a forma como o ensino é criado e enxergando “possibilidades para sua própria produção ou construção” (FREIRE, 2019, p. 47).

Para isso, é necessário que haja a compreensão do inacabamento, sabendo que o conhecimento não é finito (FREIRE, 2019). Nos espaços institucionalizados de ensino, principalmente nas escolas de ensino básico públicas e periféricas, a construção de um espaço dialógico e horizontal tem diversos desafios e barreiras, que têm origem no espaço hierárquico construído na própria sociedade e na relação “bancária” com que é trabalhado o processo de aprendizagem.

Os novos formatos e as novas possibilidades de aprendizagem na sociedade em rede, nesse sentido, vem como uma das respostas possíveis a essa hierarquização do conhecimento. A partir desse contexto, o método de Audino tem sofrido naturais críticas, especialmente quanto à forma não-cientificista que ele aborda vários temas presos aos espaços institucionais de ensino, mas que, utilizando ferramentas ligadas à *práxis*, facilitam a compreensão.

Não tendo como objetivo deste trabalho chegar a uma resposta final, mas sim tensionar possibilidades, apresentamos o canal de Audino como uma das alternativas viáveis para uma forma mais democrática e menos classista de trabalhar a educação de jovens em escolas públicas e periféricas do país, para que, na recusa tanto do desespero quanto do otimismo ingênuo, busquemos ser esperançosamente críticos (FREIRE, 2020).

BIBLIOGRAFIA

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz e Terra, 2021.

CITELLI, Adilson. **Comunicação e Educação: A linguagem em movimento**. São Paulo: Editora Senac, 2004.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz e Terra, 2020.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. Rio de Janeiro / São Paulo: Editora Paz e Terra, 2019.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Uso de Internet, Televisão e Celular no Brasil**. Disponível em: <<https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/20787-uso-de-internet-televisao-e-celular-no-brasil>>. Acesso em 24 de jan. de 2022.

IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Necessidade de trabalhar e desinteresse são principais motivos para abandono escolar**. Disponível em: <<https://censoagro2017.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/28286-necessidade-de-trabalhar-e-desinteresse-sao-principais-motivos-para-abandono-escolar>>. Acesso em 24 de jan. de 2022.

MARCELO MARQUES. **Audino Vilão**, 2020. Página Inicial. Disponível em: <<https://www.youtube.com/channel/UCdYnL5uXF-sIddK4BpSy2Fw>>. Acesso em 24 de jan. de 2022.

OLIVEIRA, Dennis de. **Jornalismo e emancipação: uma prática jornalística baseada em Paulo Freire**. Curitiba: Appris, 2017.

APÊNDICE A - Entrevista transcrita com Marcelo Marques

Tempo de gravação: 37 minutos

Realizada em 3 de fevereiro de 2022 via Google Meets

J - Começando um pouco do começo, queria saber de onde surgiu a ideia do canal, quando...
Como foi esse início aí?

M - Então, dá para a gente dividir em duas partes, né. A primeira, quando o canal foi fundado né e a segunda, com a parte da filosofia. O canal, eu fundei ele em 2016, tem alguns vídeos que estão privados lá e tal, que é daquela época né, que é uns vídeos mais de gameplay, uns negócio assim que eu fazia, né. Tava no ensino médio pá, mas eu nunca tive a pretensão de virar youtuber né, sempre foi um negócio assim tipo “ah, eu acho que nunca vai rolar comigo”, sabe? Mas tipo assim, quando eu postei o vídeo do Marx, eu vi que a galera gostou demais, e tipo assim, eu comecei a encarar aquilo ali tipo assim “p***, tô dando aula, mano”. É o que eu faço, é a minha profissão, sou professor e tal. Eu tava no meio da faculdade, na verdade, no começo do segundo ano, então eu encarei aquilo ali tipo, quando o vídeo do Marx estourou, como uma oportunidade tipo de p****, vou exercer minha profissão mano, vou me aperfeiçoar, vou, tá ligado, espalhar conhecimento, fazer um corre da hora. Então assim, no começo, como eu falei, no começo quando eu fundei o canal eu não tinha pretensão nenhuma. Naquela época eu já sabia que queria ser professor, mas eu não imaginava que eu daria aula pra internet. Depois que o vídeo do Marx estourou, eu falei “p****, é mais ou menos isso aqui que a galera quer, mais ou menos isso aqui que tipo que eu gosto de fazer, então é isso”, manja?

J - Aham, mas e aí o vídeo do Marx foi quando mais ou menos? Foi no início da pandemia?

M - Foi, foi. Foi bem no meio da pandemia, não sei te dizer se foi em junho, mais ou menos, eu não lembro. Eu sei que vai fazer dois anos esse ano já.

J - Ah, nossa. Tem bastante tempo já o canal, e tipo, tá bombando e tal. Mas aí você falou que se formou, é isso? Você formou em história?

M - Não, estou me formando esse ano, esse ano eu apresento meu TCC, esse ano é o último ano.

J - Entendi. Mas esse interesse por filosofia veio um pouco da faculdade de história?

M - Então, o meu interesse por filosofia veio do meu ensino médio né, que quando eu tava lá no segundo ano, eu tive um amigo... na verdade, isso daí não foi no ensino médio, foi no SENAI, eu fazia SENAI e tinha um brother meu tá ligado, que a gente andava junto pá, e ele me deu um livro do Nietzsche né, ele me deu o “Crepúsculo dos Ídolos” e tipo assim, eu comecei a ler, comecei pá, pesquisar Nietzsche, mas eu não entendia p**** nenhuma, não entendia nada nada nada, tipo eu tinha aquela filosofia de ensino médio da escola, de escola pública, tipo a base não era muito boa, então acabou que eu não entendi nada que tava escrito naquele livro. E aí eu fiquei meio revoltado, meio como assim, parça? O bagulho tá em português e eu não tô entendendo? E por causa disso eu acabei, tá ligado, me apegando a filosofia, quis saber, quis procurar sobre e pá. Fiquei um bom tempo pesquisando assim né, mas acabei não focando tanto, eu foquei mais quando entrei na faculdade, que comecei a ter as matérias-base, alicerce né, então, só ética né, fundamentos filosóficos, todas aquelas paradas lá, e quando eu comecei a ter isso, aí sim tipo tive uma base da hora, porque aí depois seguiu para os vídeos do canal.

J - Pode crer, pode crer. E essa sua vontade de ser professor veio meio que junto assim?

M - Não, não, a minha vontade de ser professor é bem mais antiga. Eu sempre gostei de história, desde criança sou apaixonado por dinossauros, sou apaixonado por Egito, tanto que meu TCC esse ano vai ser sobre Egito, tá ligado? Sou apaixonado por Egito, por esses barato aí e... daí tipo assim, a história sempre foi minha matéria favorita. Quando eu tava no Fundamental 2 né, na quinta e na sexta série, eu tive uma professora de história que ela era tipo muito antiética, tipo sabe aquela professora que expõe a dúvida do aluno pro ridículo, que desmerece, sabe? E tipo mano, era minha matéria favorita mano, e assim, eu lembro que eu fiquei muito desanimado com história, eu fiquei muito chateado, eu fiquei muito perdido. Só que na sétima e na oitava série eu tive o melhor professor da minha vida, de história. Tipo, foi o melhor professor de todas as matérias, ele foi o melhor professor mesmo, e ele dava justamente história, que era minha matéria favorita, tá ligado? Que era o Professor Caco e,

mano, todo mundo falava dele na escola, todo mundo, sabe aquele professor que é super bem falado, que todo mundo gosta, tá ligado? Era ele.

J - Eu tive um de química desses, mas tipo assim, aí química já não deu pra mim. [risadas]

M - É, química já é mais embaçado [risadas]. Humanas eu acho bem mais de boa, né? [risadas]

J - É, eu curtia o professor, mas na matéria mesmo, eu deixava a desejar [risadas].

M - É, então, aí quando eu tive aula com esse professor, mano, eu ficava me perguntando assim “Mano, e se fosse eu ali? E se fosse eu no lugar dele? E se fosse eu ali na sala de aula, na frente e pá, explicando, como que eu ia fazer?”. Sabe quando a pessoa te inspira, tipo, você admira tanto a pessoa que você imagina, mano, se fosse eu ali, como é que eu faria, pá, não sei o que... E tipo, eu tinha, o que? Uns 13, 14 anos né, mano, isso plantou a sementinha da pedagogia em mim, tá ligado? Quando eu fui no primeiro ano do ensino médio, já comecei a considerar a carreira de professor, tá ligado? Ensino médio, vestibular, pá... Eu comecei a refletir, eu falei “mano, carreira de professor é um bagulho da hora mano”, tipo a gente considera tudo, né? Obviamente, não vou ser hipócrita. Eu pensei assim, parça, vou ser professor concursado, estabilidade, uma carreira da hora... Vou falar sobre o que eu gosto, não vou precisar ficar batendo cartão, enchendo o saco, tratando de coisa que eu não gosto, vou estar falando sobre coisas que eu amo, tá ligado? Vou estar sempre rodeado de gente da hora, assim, tudo bem que na escola tem muito pivete meio chato, meio difícil de você lidar né, mas, tirando isso, tipo eu comecei a considerar muito essa carreira de professor porque, tipo, realmente eu vou fazer um bagulho que eu gosto, tá ligado? Não vai ser o negócio que assim, mano, eu tenho a noção de que não é um negócio que vai me deixar rico, que é um negócio tipo “ah, meu Deus, vou ganhar 10 mil reais, vou ganhar 20 mil reais, vou ser estourado”... A menos que né, jogue na mega-sena e estoure [risadas].

J - Eu jogo todo mês [risadas].

M - Ah, eu jogo só na de virada de ano, quem sabe né? [risadas]

J - É, quem sabe, né? [risadas]

M - Aí, então assim, quando eu tava antes de eu começar a ler filosofia, eu já tinha o horizonte de ser professor, professor de história. Aí quando comecei a ler filosofia, aí abriu essa variante, né. Tanto que quando eu fui prestar vestibular, eu marquei pra filosofia e história, né. E... na hora de decidir o curso, falou mais alto no meu coração história, porque assim a minha paixão né, o bagulho que eu amo...

J - Todo o seu histórico, né?

M - É, tipo, lá de trás, eu lembrei do Caco, eu lembrei de eu pequenininho, e se eu fosse professor, pá, e se for, pá, não sei o que... E tipo assim, fazendo história, mas eu planejo fazer uma segunda graduação em filosofia, seguir uma carreira acadêmica em filosofia também, mas foi mais ou menos isso. Então, o meu horizonte de pedagogia, a sementinha da pedagogia foi plantada lá atrás, e um detalhe, eu era um dos piores alunos da escola [risadas]. Nossa, eu era muito bagunceiro mano, eu era muito bagunceiro, muito muito muito mesmo. O pessoal comentava, tinha um ranking né, eu tava entre os três piores alunos da manhã, cara. Era eu, o Luiz, que é um amigo meu que mora no bairro aqui do lado, e se eu não me engano, o Ricardo. Nossa, era nós três, mas o Luiz era da minha sala e o Ricardo era de outra. Nossa, nois causava demais, nois era terror. E eu lembro, mano, pra você ter ideia, como esse bagulho tipo é muito engraçado, o colégio eleitoral que eu voto, a escola que eu voto é a mesma que eu fiz o meu fundamental, é lá no bairro da minha vó, tipo é lá do outro lado da cidade, bem longe. Aí, quando eu fui votar em 2020, tá ligado? Minha vó vota no mesmo lugar que eu, e a minha vó foi monitora dessa escola, tá ligado? Aquelas tiazinha que fica no pátio tal... Ela falou que ela trombou não sei qual professora, não sei se era de geografia ou de artes, só sei que ela trombou a professora, aí a professora virou pra ela e falou assim “Nossa Ieda, estou muito feliz, seu menino tá estourado na rede social e tal, falando de educação, dando aula e não sei o quê, mas na época que eu era professora dele, ele era maior peralta, né?” [risadas].

J - Que bonitinha [risadas].

M - Os professores lembram, nossa... [risadas]. Eu fico imaginando, eu tive alguns contatos com alguns professores depois que eu estourei e os professores são muito orgulhosos, muito orgulhosos, principalmente o Professor Caco, eu tenho ele adicionado no meu Facebook

pessoal, eu tenho, tá ligado, tipo, maior carinho por ele e ele tem muito orgulho de mim, é uma coisa que eu fico muito feliz, sabe de poder, por mais que tenha dado trabalho, hoje eu posso dar orgulho pros meus professores, tá ligado?

J - Ah é... Isso é muito bonito, né, meu? A gente olhar para trás assim e ver que a coisa cresceu ali... É muito bonito. E tipo, meu, pra sair daí, dessa vontade de ser professor pra ir virar youtuber? Como é que foi essa transição? Você achou no YouTube uma plataforma, que você poderia falar com a galera?

M - Não, foi tipo assim, como eu falei, eu tinha o canal desde 2016. No final de 2019, eu comecei a postar alguns vlogs, comecei a botar a cara e a postar alguns vlogs, só que vlog de comédia, eu fazia uns vídeos mais engraçados, mais humorístico, tal, uns negócio meio assim. E... tanto que a qualidade era horrível, eu prezava pela pior qualidade possível porque era para ser engraçado, tipo, eu me inspirava muito num comediante que eu gosto, que é o Igor Guimarães, sou muito fã do Igor Guimarães, me inspirava muito nele pra fazer os vídeos, então saia uns negócios tipo “Boku no Hero se passa no SENAI”, “Lúcifer, o primeiro agiota da história”... Uns negócio tipo muito... [risadas], muito non sense. Aí, na semana do vídeo do Marx, não era para sair um vídeo sobre Karl Marx, eu ia fazer um vídeo que era sobre o Brasil é um episódio “South Park”, porque tava tipo tava bem no auge daquelas declarações daquele bosta que é o presidente, falando que “ah, uma gripezinha, ah, não sou coveiro” e eu falando, gente, isso aqui é um episódio do “South Park”, isso aqui não é a realidade. Tipo, como assim mano, o maluco chefe do Executivo falando um negócio desse, cara, tipo é muito absurdo para você encarar como realidade, eu prefiro muito mais pensar que isso aqui é um desenho de comédia, tá ligado? De mau gosto, do que realmente a realidade... Mas aí eu não consegui encaixar roteiro para esse vídeo, e eu não lembro o que que eu tinha visto de Marx nessa semana, eu sei que eu consegui encaixar a teoria do Marx com aquele funk do Mc Kauan, que eu sou muito fã do Mc Kauan... Tem uma música que fala “É tudo nosso e o que não for, nois toma. É tudo nosso e o que não for...a família Tony Country toma. [cantarolando]” Então, aí eu tipo assim falei mano, eu já estudei Marx na faculdade, já sei o básico, tal e não sei o que, vou falar de Marx pra molecada, tá ligado? Em gíria... Aí veio a ideia do título... E tanto que tipo assim, pra você ter ideia de como esse vídeo não tinha pretensão nenhuma de ser um vídeo de educação ou ser um vídeo pá, mano eu tô fumando no

vídeo, eu apareço fumando, tá ligado? E assim, o negócio depois começou a pegar mais forma e tal, o negócio depois que pá, eu parei de aparecer fumando nos vídeos. Hoje tô lutando para largar o vício né, já fazem duas semanas que tô sem fumar, e... mas tipo assim, no vídeo do Marx e do Nietzsche, eu não sabia a proporção que o bagulho ia tomar, e tipo assim, o YouTube meio que boicota né, quem aparece fumando e os barato assim, tipo meio que o vídeo não distribui... tá ligado? E o bagulho era tão pra estourar, que estourou mesmo com tudo isso daí, tá ligado? E foi que foi, mano.

J - Ah, pode crer. E tipo... é muito bizarro também a dimensão que as coisas tomam quando você posta uma coisa no YouTube, né? Porque você posta despretensiosamente e aí a internet engole o rolê e quando você vai ver...

M - Parça, eu demorei um mês para entender que eu tava estourado, tipo, que eu tava famoso, demorei um mês... Quando aconteceu, eu vou te contar história, foi assim ó, eu tava nessa mesa, nesse exato local, eu tinha um Moto One que eu comprei em 2017 com o dinheiro do SENAI, tipo, era um bagulho muito improvisado, era tipo uma caixa aqui [ele começa a sinalizar na mesa onde as coisas se localizavam], um livro, eu deixava o celular assim deitado, pá, e eu falando. Não tinha *ring light*, não tinha nada, nada, nada, era horrível, horrível. Eu gravei o vídeo, e mano, pra você ter ideia, eu tinha terminado com a minha ex acho que fazia umas duas semanas, tipo tava naquela fase... mas a última coisa que esperava que me aconteceria era eu ficar famoso, a última coisa. Aí gravei o vídeo, pá da hora, fui lá, postei, era mais ou menos uma e pouco, uma e meia da tarde. Aí, pandemia, estava desempregado, tinha sido mandado embora do trampo, a muié tinha terminado comigo, pá vários barato assim, eu fui deitar e dormir. Eu acordei, acho que era umas cinco, seis horas da tarde, mano o vídeo estava com quase 30 mil visualizações. Eu falei “o que que aconteceu, parça?” Mano, eu não acreditava. Eu não acreditava e o bagulho estourado e indo e indo e indo, um monte de gente compartilhando, muita gente, não sei o quê, virando meme, virando isso, aquilo e aquilo outro, e eu “c*****, brabo”. Aí isso foi na quinta, passou a sexta o dia inteiro a galera pá, compartilhando, pá não sei o que, aí no sábado eu falei, mano, tenho que aproveitar o *hype*, aí nasceu o vídeo do Nietzsche. Aí o vídeo do Nietzsche, mano, foi perfeito, sabe? O timing perfeito, o título perfeito, tipo o bagulho mano, perfeito. Porque foi o "Nietzsche, o famoso roba brisa", mano, aí o bagulho tipo assim, estourou, estourou, o

bagulho foi meme de verdade, eu fui parar em várias páginas de vários bagulhos, mano, muito bom, muito bom mesmo.

J- Nossa, muito maneiro isso porque aí a internet deu esse espaço, né? Pra galera gravar, subir e meu, um monte de gente ver. Tipo, uma parada que ninguém veria se a internet não existisse e tal... E aí é bem maluco porque teve uma galera junto com você né, o Chavoso da USP, o Funkeiros Cults... Então teve uma galera que foi crescendo ali junto também, e é legal ver a internet tendo esse espaço pra galera que talvez fora dela não teria, né?

M - É... Aí começou a surgir os influencers de periferia. Eu acho que ali começou tipo uma das primeiras ondas, tá ligado, da galera de quebrada, tipo influencer nesse sentido mesmo, tipo de educação, tá ligado? Gente falando de educação, de matéria, de literatura, filosofia, história, sociologia, política, tal, que até então, tinha influencer de quebrada? Até tinha, mas tipo não dentro da educação, então tipo assim nós pegou e nós mudou, tipo, nós foi um erro que o sistema nunca previu. Tipo, como assim? Os piores alunos da escola, os mais desacreditados tão falando de educação? Tá falando de Marx, tá falando de Nietzsche...

J - E você vê que em resposta a galera fala “meu, eu não entendi isso a vida toda, achei uma pessoa que fala de um jeito que eu entendo”, né, e vai nesse caminho... E falando sobre isso, como é que você lida com a galera? Porque a galera deve te procurar, às vezes vê na rua, quer conversar. Como que é?

M - Mano, boa parte do feedback da galera que vai atrás de mim é coisa boa, tá ligado? Muita coisa positiva, já fui reconhecido na rua, já teve gente pedindo para tirar foto comigo, em evento, em palestra... Primeira vez que eu fui na Paulista me aconteceu isso, pra você ter ideia, uma pessoa me reconheceu e tirou foto comigo. E assim, é uma recepção muito gostosa que nunca imaginei na minha vida, tá ligado? Que ia acontecer comigo e então, tipo assim, eu lido muito bem, eu sou muito recíproco, procuro atender todo mundo, ver todo o *feedback* que o pessoal me dá, procuro fazer o melhor. Obviamente tem a parte dos *haters*, tem a parte negativa, tal... Eu bloqueio, que eu prefiro não me estressar, eu prefiro não perder meu tempo com isso, prefiro, tá ligado, se é no YouTube, eu só excluo o comentário, se a pessoa deu *deslike*, *deslike* por *like*, deu visualização e o que paga é a visualização, então... [risadas]. Tá ligado, né? Aí é mais ou menos por aí, tá ligado, eu não esquento a cabeça com essa parte

negativa. Quando vem alguém me dar um toque, alguma coisa pra aperfeiçoar, pra isso, aquilo e aquilo outro, aí é um bagulho da hora. Mas eu vejo também que tem muita gente na maldade. Esses dias aí, uma influenciadora postou um bagulho, tá ligado, querendo me jogar na fogueira, querendo fazer um bagulho mó nada a ver, porque eu e o Mano Brown, a gente seguia o Robinho no Instagram e tipo, eu nem lembrava que tipo eu seguia esse mano, e tipo assim, eu falei nossa... Ela me marcou no *stories*, tipo “Olha só quem segue esse cara”, não sei que, tipo fiquei sabendo do caso do mano e tal, só que tipo, eu não me ligava que eu seguia ele, pra mim... pessoas aleatórias que não faço a mínima ideia, e nem aparecia no meu *feed* também, não consumia nada. E aí beleza, aí eu mandei uma mensagem pra ela pela *DM* falando “ah, obrigado por me avisar, parei de seguir aqui e pá, valeu pelo toque”, e o bagulho continuou jogando meu nome na fogueira. Aí você vê que tem gente que quer tipo jogar na fogueira, gente que não quer acrescentar para você, tá ligado? Que não quer papo, aí depois, bom... Deixa pra lá. Mas é isso, tem gente que gosta de fazer uns negócios muito nada a ver, pegar numas coisas que assim, você não você faz na maldade, você não tem ciência de que tá acontecendo e eu ainda fiz questão de mandar mensagem falando “Parça, pô, valeu pelo toque aí” tal, mas eu achei tipo muito errado expor, tipo “olha só”, não sei o que... Quer ganhar *hype*, quer ganhar fama, quer fazer treta.

J - É, assim como a internet pode ser palco pra galera fazer coisas boas, pode ser palco pras pessoas fazerem coisas ruins, né. Mas é maneiro ouvir sobre tudo que você falou, porque tem a coisa também de você se inspirar, né? Ver as pessoas que te admiram e tal... Então eu queria saber um pouco o que te motiva a continuar produzindo e o que você espera do futuro.

M - Mano, eu quero ir para sala de aula de fato, tá ligado? Quero ir, quero tramar em sala de aula, mas não quero falar parar com meu corre na internet, não quero parar com, tá ligado, essa vida. Eu quero muito... ampliar mais meu trampo, trazer outras áreas, história né, não só de filosofia. Esse ano eu tô com planejamento para história, tô com planejamento pra política, tá ligado? Abrir bastante... O que me motiva a continuar é justamente isso, tipo assim é ver que um corre autônomo né, que eu não sou financiado por ninguém, não ganho dinheiro de governo, não ganho dinheiro de nada, tá ligado? É eu e o meu corre, quem me sustenta na minha vida é Exu mesmo, é minha religião, é Exu e Ogum que abrem meus caminhos, e assim, um corre autônomo, tá ligado, que tá tendo um impacto muito grande, parça. Tipo, de

várias autoridades da filosofia, os cara vira para mim e fala assim “Mano, o que você fez pela filosofia em um ano, a academia não faz pra população em 10, o que você tá fazendo, mano, os cara não conseguiram fazer há tantos anos. Não tem diálogo e você criou esse diálogo da sua maneira, da sua forma, de uma forma da hora”, então assim, eu penso muito nisso, tá ligado, tipo, p****, o trampo que eu faço, não é por grana, é porque tá virando na educação da população, tá virando na educação da molecada, tá ligado? Tem muito moleque voltando a estudar, tem muito moleque se interessando, tem muito moleque desconstruindo a mentalidade que estudar é um bagulho chato, que estudar é um bagulho que é perca de tempo, que eles não conseguem entender, que isso, aquilo e aquilo outro. Então, tipo assim, é um bagulho que tá tendo impacto real na vida das pessoas, então isso para mim motiva a continuar, tá ligado? Até onde eu ver que a galera realmente tá consumindo, tá ligado? Tá afetando, tá mudando, tá ajudando, pra dar alicerce, pra dar base pra molecada, mano, é isso. É sobre isso, tá ligado?

J - Pode crer. E como é a sua relação com a academia? Porque eu já vi que você fez live com o Karnal, fez live com uma galera que é muito da academia e tal... Você recebe críticas de vários deles, né? Como você enxerga isso?

M - Então, bom, querendo ou não eu também tô dentro da academia, né? Eu sou universitário e tipo assim, na parte de trampo eu sempre convido essa galera, tipo tem alguns professores universitários que sempre encostam, e tipo assim, eu sempre falo com eles, mano a gente tá trocando ideia para todo mundo entender, tá ligado? Não é para uma bancada de doutorado, a banca de TCC, e assim, surpreendentemente, muita gente da academia me admira, muita gente me fortalece bastante, tá ligado? Eu tenho um carinho muito grande e especial pela galera do Rio Grande do Sul, tá ligado, da UFRGS. Mano, tem vários professores da filosofia de lá mano, que pularam muito na minha bala, me convidaram para assistir aula deles em 2020, fui aluno convidado lá, fiz um semestre com eles. Mano, o bagulho foi, tá ligado, sem palavras, pessoal aqui da Unicamp também, aqui do lado de casa, também sempre sempre, então assim, a galera da academia curte também, a galera da academia tipo tá abrindo os olhos, mano, é sobre isso, querendo ou não, tem que ir nessa rabiola, tem que, tá ligado, engatar nessas ideia aqui.

J - E a real é que tem que ser fortalecer mesmo, né? A gente tem que se juntar pra fazer as coisas irem pra frente, darem certo. E aqui já caminhando pra uma das minhas últimas perguntas, como você se enxerga hoje? Você se enxerga como youtuber, como educador, como influenciador?

M - É, eu me enxergo como educador, tá ligado? Educador e, querendo ou não, influencer também, né? Porque o meu trampo, a minha presença é internet, né? Mas assim, eu sou educador porque eu já comecei a fazer os bagulhos presencial também, tá ligado? Tipo, fui nas escolas, fui em outro estado, eu fui lá para Maceió, os cara, tipo, muito feliz que eu fui para lá, tipo, vários alunos meio “P****, é o Audino, tal, não sei o que”, vários alunos tirando foto, vários alunos super felizes, vários alunos, tá ligado, daquele jeito. E assim, várias escolas daqui por São Paulo já fecharam palestra, já fui palestrar, e a galera tipo gostou de verdade, então assim, foi muito da hora, foi muito bacana. Aí, tipo assim, eu me considero muito educador, muito muito, de poder palestrar desde escola pública, até universidade, como já fiz evento na USP, já fiz evento em diversas universidades aí pelo Brasil, manja? Então sim, me considero muito educador, me considero muito uma pessoa que tá vindo nessa bandeira de educação mesmo.

J - Muito legal. E pra encerrar, você tem uma galera que te inspira? Para além do seu professor, né, o Caco.

M - Vou destacar dois né, Paulo Freire, na questão teórica, completamente Paulo Freire, a pedagogia libertadora, né, “Pedagogia do Oprimido”... O lance da gente ensinar a galera para ser livre, pra galera ter autoestima, pra galera libertar, pra galera ser livre, é uma pedagogia libertadora. E mas tipo de figura assim, que eu conheci e que tá vivo, é o Professor Clóvis de Barros Filho. P*** que pariu, aquele cara é sensacional. Eu pego muito, tipo assim, um exemplo de didática, de comportamento, porque assim, você vê, ele fala alto, ele grita, ele zoa, ele faz piada, ele é muito, tipo, bom astral, do tipo de pessoa que você nunca tá mal perto dele, ele não deixa ninguém ficar mal perto dele. Ele joga a energia lá pra cima, ele joga o negócio lá pra cima. Ele pode tá falando da coisa mais complexa do mundo, tipo Heidegger, a gente fez uma live sobre Heidegger. Ele podia tá falando do negócio mais complexo, que ele jogava a energia lá em cima, todo mundo queria ver, todo mundo queria consumir, todo

mundo queria, tá ligado, tá lá e prestigiar, então assim, o Professor Clóvis com certeza é uma inspiração muito grande, hoje a gente é até amigo, tá ligado? Particularmente falando, pô, ele eu fico lisonjeado toda vez que ele fala que ele tem orgulho de mim, que ele me admira muito, tipo assim, o cara, tá ligado, sem palavras. Paulo Freire e Professor Clóvis assim, ó, sem sombra de dúvidas.

APÊNDICE B - Tabela dos 13 vídeos selecionados do canal Audino Vilão

(continua)

Título do Vídeo	Número de Visualizações	Número de Comentários	Número de Likes	Número de Deslikes	Data de Publicação
Nietzsche : o famoso roba brisa	403.429	3.120	77.204	644	20 de jun. de 2020
Traduzindo Karl Marx para GÍRIAS PAULISTAS	292.161	1.787	51.864	616	18 de jun. de 2020
EXPLICANDO A CRITICA DA RAZÃO PURA ENQUANTO EU CORTO CABELO NA RÉGUA	82.825	464	13.210	118	24 de ago. de 2020
Sócrates parado no bailão	61.641	443	13.861	60	28 de jun. de 2020
O mito da caverna para becos e vielas	47.328	488	10.245	34	22 de jun. de 2020
Estou ficando esquizofrênico ou entendendo Freud?	39.085	415	9.250	33	11 de nov. de 2020

(conclusão)

Título do Vídeo	Número de Visualizações	Número de Comentários	Número de Likes	Número de Deslikes	Data de Publicação
ARISTÓTELES pagando de COACH	28.052	449	6.163	18	1 de jul. de 2020
René Descartes CHAPADO das ideia	27.760	345	6.441	16	8 de jul. de 2020
Spinoza Progresso e Disposição	24.421	358	5.684	15	25 de jun. de 2020
Tutorial de sair da matrix com Foucault	24.148	264	5.714	15	20 de jul. de 2020
Maquiavel O Pilantra (ou era O Príncipe?)	23.269	248	5.370	28	22 de jul. de 2020
Immanuel Kant e a Ética do Churrasco	20.934	194	4.875	15	31 de jul. de 2020
SE O AMOR É LÍQUIDO NOIS PASSA O RODO BAUMAN	19.227	318	4.330	11	10 de abr. de 2021

Fonte: Elaborada pela autora com base nos dados disponíveis no canal em 12 de fevereiro de 2022.